

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: BRINCADEIRAS E JOGOS COMO INSTRUMENTOS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA COMUNIDADE PEIXE DE FORA (SANTA RITA DE CÁSSIA-BA)

Ane Caroline Castelo da Silva¹

Resumo

O presente artigo² apresenta o relato da experiência do projeto de estágio: “Relações Étnico-Raciais: brincadeiras e jogos como instrumentos de construção da identidade negra na Comunidade Peixe de Fora”, como requisito parcial de avaliação da disciplina Pesquisa e Estágio I – Estágio em Espaços Não Formais, no Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, Campus IX, na cidade de Barreiras, localizada na região Oeste da Bahia.

Palavras-chave: Brincadeiras. Identidade. Espaços não formais de educação.

Introdução

O Estágio Supervisionado no Curso de Pedagogia na UNEB, contexto acadêmico de realização desse trabalho, teve início em maio de 2021 com término em junho de 2021, as quartas, quintas, sextas, sábados e domingos, no turno vespertino, com crianças de 05 a 12 anos de idade, durante 15 dias. Permitindo uma maior intimidade das teorias discutidas em sala de aula com a realidade, tendo como centro de desenvolvimento das atividades a igreja da Comunidade Peixe de Fora, município de Santa Rita de Cássia-BA.

O projeto teve como objetivo geral: Promover discussões acerca da construção da identidade étnico-racial de crianças negras através de jogos e brincadeiras. Tendo como base três objetivos específicos: explicitar o conceito de diversidade étnico-racial; discutir diferentes aspectos que denotem respeito em relação a outras raças e culturas; trabalhar para a valorização da identidade negra.

¹ Graduanda em Pedagogia na UNEB (Campus IX – Barreiras). E-mail: <anecastelo93192@gmail.com>.

² Este artigo foi refletido, rediscutido e reelaborado no âmbito do projeto “Modos Tradicionais de Brincar: culturas lúdicas e educação étnico-racial no Oeste da Bahia” (2020), desenvolvido pelo professor Rafael Petry Trapp na Universidade do Estado da Bahia e apoiado pela PROEX-UNEB.

Assim, o projeto esteve articulado a formação consciente dos sujeitos, promovendo o desenvolvimento de habilidades, através de brincadeiras, cantigas, jogos, histórias de origem africana e oficinas para a construção de brinquedos, contribuindo para a valorização da identidade negra, estimulando o respeito mútuo às diferenças tanto físicas, quanto culturais, sem deixar de lado a formação conceitual de diversidade étnica.

Fundamentação teórica

Para a realização da pesquisa o projeto de estágio ancora-se a suportes teóricos de autores como: Libâneo (1998), Souza (1983), Cavalleiro (2001), Minayo (1995), Gonsalves (2001), Jesus (2019) e Gomes (2020).

A educação é indispensável para a formação dos sujeitos e a escola é a principal instituição que desenvolve e capacita os indivíduos para que tenham acesso ao conhecimento sistematizado em todos os aspectos da vida, formando personalidades e seres conscientes de seu lugar no mundo. No entanto, a educação não se limita às instituições formais de ensino, estando presente em ambientes variados como ONGs, programas de inclusão, especialmente no campo das artes, educação e cultura. Assim, a educação não formal pode ser entendida como práticas educativas desenvolvidas fora dos muros escolares, contribuindo para a formação de direitos humanos e identitários dos sujeitos.

Conforme Libâneo (1998, p. 89), a educação não formal “são atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas”, ou seja, refere-se a atividades de cunho educativo organizadas e sistematizadas, com objetivos específicos.

Na nossa sociedade, o preconceito, a discriminação e o racismo se manifestam de forma camuflada através de brincadeiras e apelidos alusivos à cor, caracterizando os negros como inferiores, submissos ou até mesmo incapazes.

Conforme Munanga (2020, p. 19),

Ao projetar as pessoas brancas e elegê-las como padrão universal de beleza, inteligência e civilidade, o racismo inculca e gera, em suas vítimas, um sentimento antagônico a todos esses atributos. Essa negatividade é expressada principalmente em seus corpos e cabelos, na superfície de sua pele e no tipo de cabelo. Quanto mais preta é a cor da pele e mais crespo é o cabelo, mais as pessoas que possuem tais

características são desvalorizadas e ensinadas a se desvalorizar, não só esteticamente, mas também enquanto seres humanos.

Dentro deste contexto, trabalhar questões identitárias torna-se um impasse, pois ser negro numa sociedade evidentemente racista e estereotipada, na qual tudo referente a ele é visto como negativo, inferior e submisso, faz com que as crianças neguem sua própria identidade, tornando o branco um modelo “ideal” a ser alcançado. Nesta busca incessante de alcançar um ideal forjado por brancos, “o negro, no desejo de embranquecer, deseja nada mais, nada menos, que a própria extinção” (SOUZA, 1983, p. 5).

Pensando nisso, o projeto de estágio esteve articulado à formação de sujeitos conscientes de seus papéis enquanto cidadãos, por meio de brincadeiras e jogos de origem africana, contribuindo para a construção e valorização da identidade negra, tendo em vista que o brincar tem grande importância na aprendizagem da criança. “O brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança é onde ela começa a criar sua própria identidade, começa a saber, a tomar decisões e a hora certa de agir” (JESUS, 2019, p. 5).

Ao trabalhar com atividades lúdicas, como: brincadeiras, cantigas, jogos culturais etc., a imaginação e criatividade das crianças devem ser exploradas ao máximo, pois esse é o momento exato para que sejam promovidas as relações de respeito, valorização identitária e reflexões acerca da diversidade étnico-racial. Trabalhar a questão racial de forma lúdica é um dos meios de alcançar positivamente, a aceitação da própria identidade, trabalhando para a autoestima e autoconfiança das crianças, valorizando heranças culturais africanas e respeitando a diversidade das relações étnico-raciais.

Assim, práticas educacionais que estejam fora dos espaços formais se fazem necessárias para a afirmação identitária de crianças negras e de sujeitos livres de preconceitos. Sendo uma questão que fortalece o acolhimento de todos, haja vista que “a discriminação racial não é um problema da criança negra, mas uma oportunidade de crianças negras e não negras se conhecerem, discutirem e instaurarem novas formas de relação, que tenham impacto em suas vidas e na sociedade como um todo” (CAVALLEIRO, 2001 p. 106).

Metodologia

A pesquisa teve como base a aproximação do espaço não formal. Seguindo uma abordagem qualitativa, com o intuito não apenas de coletar dados, mas também de analisar seus significados. De acordo com Minayo (1995, p. 21-22),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O tipo de pesquisa adotada foi a de campo, ou seja, todos os dados e informações foram coletados na igreja, com as crianças da Comunidade Peixe de Fora, município de Santa Rita de Cássia-BA. Segundo Gonsalves (2001, p. 67),

Pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

A investigação teve como centro de desenvolvimento das atividades a igreja da Comunidade Peixe de Fora. As atividades iniciaram em maio de 2021 e encerraram em junho de 2021, às quartas, sextas, sábados e domingos, com crianças de 05 a 12 anos de idade, com encontros presenciais que duraram em média duas horas por dia, totalizando 30 horas.

Cada encontro iniciou com uma roda de conversa, explicando o intuito de cada brincadeira, jogo e oficina para facilitar o aprendizado de cada criança envolvida. Nos encontros foram utilizados jogos e brincadeiras de origem africana como: Terra e Mar, Meu Querido Bebê, a Brincadeira da Venda, a confecção de turbantes e da boneca *Abayomi* etc. A partir disso, foram desenvolvidas ações de debates que contribuiriam para a construção da identidade negra, promovendo a valorização e o respeito às diferenças.

As brincadeiras, jogos e outras atividades desenvolvidas durante o estágio suscitaram nas crianças comentários e questionamentos a respeito da própria identidade, fazendo com que elas refletissem, sobretudo, que seus corpos negros, seus cabelos crespos e cacheados, os

turbantes e as bonecas confeccionados vão muito além da questão estética, seja ela vista de forma positiva ou negativa, são símbolos que fazem parte da identidade negra: “Cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra” (GOMES, 2020, p. 28).

Resultados

As observações realizadas durante o estágio supervisionado indicaram que projetos que envolvem o lúdico juntamente com questões relacionadas à identidade racial são mais que importantes para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças negras e não negras. As atividades proporcionaram às crianças a formação cidadã, o respeito e valorização a outras raças e culturas, o afeto, a autoestima, a autoconfiança e, principalmente, contribuiu para a construção e afirmação identitária negra.

Ao longo do estágio, foi detectada a falta de projetos que trabalhem a questão racial, de modo que envolva não somente as crianças, mas toda a comunidade do Peixe de Fora, para que essas pessoas possam lidar com situações de discriminação, preconceito e racismo, contribuindo assim para a construção de suas identidades.

O trabalho relacionado a questões raciais é complicado, mas necessário. Desde a infância, devem ser trabalhadas questões relacionadas à diversidade e valorização racial, com o objetivo de formar sujeitos livres de quaisquer preconceitos, partindo do pressuposto de que a identidade é construída a partir da interação com o outro: “Nenhuma identidade é construída no isolamento. [...], é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros” (GOMES, 2020, p. 29).

Realizar o estágio na comunidade onde eu nasci e cresci foi muito gratificante, não somente para a minha formação de futura pedagoga negra, mas também, pelo fato de contribuir positivamente para a construção identitária de crianças negras e não negras da Comunidade Peixe de Fora, dando um retorno para os moradores. Vale ressaltar que essa luta é de extrema importância e nos agregar a ela, é necessário.

Descortinar os olhos para que todas as pessoas busquem descolonizar a educação, em todos os espaços, é o que precisamos para evoluir.

Considerações finais

A identidade racial deve ser trabalhada não somente nas instituições formais de ensino, mas também fora delas. Principalmente em lugares como a Comunidade Peixe de Fora, na qual existe uma escassez de informações ligadas a esta temática.

A experiência de estágio proporcionou uma visão mais ampla das teorias que foram discutidas em sala de aula com a realidade, destacando possíveis soluções que podem nortear a ação pedagógica.

Por fim, destaco que os principais objetivos do projeto foram alcançados positivamente, e que os resultados desta pesquisa foram enriquecedores e significativos para todos os envolvidos, uma vez que responderam os questionamentos que a desencadeou e contribuíram para a construção identitária dos participantes do estágio.

Referências

CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo. Summus, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra** / Nilma Lino Gomes. – 3. ed. rev. amp.; 1. reimp. – Belo Horizonte : Autêntica, 2020. – (Coleção Cultural Negra e Identidades).

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

JESUS, Marília Santos. **Construção da identidade da criança negra na educação infantil através da ludicidade**. Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista, 2019.

LIBÂNEO, J. C. Os significados da educação, modalidades de prática educativa e a organização do sistema educacional. In: **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. São Paulo: Cortez, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro. Edições: Graal, 1983.

Anexos

Fotos do projeto

Confecção da boneca Abayomi



Brincadeira da venda



Oficina de turbantes



Terra e mar



Meu querido bebê

